

O telejornalismo e o telefone celular: notas sobre a cobertura de um incidente aéreo em Nova Iorque¹

Evandro José Medeiros LAIA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O telefone celular, como tecnologia de comunicação, tem transformado as rotinas de produção no telejornalismo. A observação da cobertura de um incidente aéreo, quando uma aeronave saiu da pista, no Aeroporto La Guardia, em Nova Iorque, mostra que, no geral, ainda não há um procedimento padrão para a apropriação de conteúdo gerado por usuários, geralmente via *smartphones*, conectados à internet. Este artigo apresenta uma pequena parte de um trabalho de campo que vai integrar minha tese de doutorado e uma primeira mirada sobre estas informações. Os métodos de trabalho, de inspiração antropológica, são a *observação participante* e as *entrevistas em profundidade* (BERNARD, 1998).

Palavras-chave: telejornalismo, antropologia, dispositivos móveis, smartphome, Nova Iorque.

Introdução

Trabalhei por oito anos como repórter de uma emissora afiliada do SBT em Minas Gerais. Foi durante este período que novas formas de narrar uma história em um telejornal começaram a despertar o meu interesse. A rápida virada tecnológica trouxe a digitalização dos processos na redação como uma realidade, e foi assim que vi minhas reportagens inundadas, cada vez mais, por imagens, tanto fotos, quanto vídeos, de pessoas que enviavam material captado por meio de telefone celular, para a redação. A tecnologia móvel chegou, definitivamente, às redações, quando começaram a surgir possibilidades do uso de redes 3G para transmissão, ao vivo, sem o uso das unidades móveis, muito caras e tecnologicamente dependentes de um departamento técnico especializado.

Como isso muda a feitura diária de um telejornal? Quais são as implicações éticas, além das estéticas, com o compartilhamento de um trabalho que até então parecia ser preferencialmente uma função do jornalista de redação, preparado nos bancos das universidades para exercer esta função? Foram estas perguntas que me direcionaram para

¹ Artigo apresentado no DTI – GP Telejornalismo, do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho foi realizado com apoio da Capes, por meio de uma bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior.

² Doutorando em Comunicação e Cultura, pela UFRJ; bolsista de Doutorado do CNPq; professor do curso de Comunicação Social do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES-JF E-mail: medeiroslaia@yahoo.com.br.

uma pesquisa que começou com minha entrada no Doutorado em Comunicação e Cultura das UFRJ aconteceu neste processo. A escolha da Antropologia como metodologia me levou a um trabalho de campo, realizado na cidade do Rio de Janeiro, durante a realização da Copa do Mundo de 2014. Acompanhei repórteres, na rua, e jornalistas de redação, além de midiativistas, que faziam transmissão, ao vivo, via telefone celular, das manifestações contra a realização da Copa. Um período de quatro meses de Doutorado Sanduíche, com bolsa da CAPES, no Departamento de Antropologia Aplicada, na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, fraqueou o meu acesso ao dia-a-dia do trabalho de repórteres da cidade, em um trabalho de campo de campo que começou com a observação das manifestações do movimento *Black Lives Matter*, em combate à violência de policiais contra negros nos Estados Unidos, realizadas entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015, nas ruas de Manhattan. Assim, conheci e conversei com repórteres, *freelancers* e midiativistas que cobriam atos.

Quando um avião saiu da pista, quando fazia a aterrissagem, no aeroporto La Guardia, o segundo maior de Nova Iorque, eu já conhecia um pouco da dinâmica das coberturas do telejornalismo na maior cidade dos Estados Unidos (que não é tão diferente da nossa experiência no Brasil). Por isso, segui para o local, na expectativa de observar e colher material para uma reflexão posterior sobre a cobertura. Trabalhei com as técnicas de *observação participante* (com anotações num caderno de campo, em forma de diário) e *entrevistas em profundidade* (BERNARD, 1998). Outra inspiração importante para esta empreitada foi o conceito de *invenção*, a partir do antropólogo Roy Wagner (2010). Para ele, é no contato com o outro, do choque cultural, que precipitamos o que chamamos de cultura.

De fato, poderíamos dizer que um antropólogo “inventa” a cultura que ele acredita estar estudando, que a relação – por consistir em seus próprios atos e experiências – é mais “real” do que as coisas que ele “relaciona”. No entanto, essa explicação só se justifica se compreendemos a invenção como um processo que ocorre de forma objetiva, por meio da observação e aprendizado, e não como uma espécie de livre fantasia. (...) No ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura. (WAGNER, 2010, p.30)

Ou seja, o que o antropólogo conhece e sistematiza em campo é o que ele chama de cultura. Mas isso não passa de uma estratégia cognitiva que permite assim que ele entenda o outro à sua maneira, um tipo de tradução que só faz sentido a partir do ponto de vista de quem a criou. Sendo assim, toda e qualquer classificação só faz sentido a partir da experiência de campo e só é válida para aquele fenômeno em específico. É importante

reforçar esta percepção, levando-se em conta que um único episódio, como o que apresentamos aqui, não é suficiente para criar conclusões definitivas sobre um fenômeno tão amplo quanto o que tratamos aqui. Mas esta experiência pode servir como guia e inspiração.

Construindo uma história

Nevava muito na manhã do dia 3 de março de 2015, quando liguei a televisão e vi a mesma notícia, transmitida ao vivo, em praticamente todos os canais abertos dos Estados Unidos. Entrei na internet e li as notícias para tentar entender o que aconteceu. De acordo com o jornal *The New York Times*, uma aeronave da Delta Airlines, que seguia de Atlanta para Nova Iorque, escorregou, saiu da pista e “bateu em uma cerca, parando momento antes de mergulhar na Baía de Flushing” (SANTORA, Marc; MCGEEHAN, Patrick; 2015), um dos limites da área do aeroporto. Alguns passageiros tiveram escoriações leves. Não foi grave. Muitas pessoas fizeram imagens de dentro do avião no momento em que tudo acontecia, que ganharam páginas e telas mundo afora. A cobertura no aeroporto estava acontecendo naquele momento e eu achei que valia a pena ir além da observação. Entrei em um táxi e segui em direção ao La Guardia. O terminal que abriga os principais voos da Delta Airlines estava vazio e a tela de previsão mostrava que todos os horários do dia estavam cancelados. No prédio ao lado, avistei uma unidade móvel de telejornalismo e segui andando pela neve para chegar até o local. Lá havia vários carros de canais de TV na parte de baixo: Fox, ABC News, PIX11, NY1.

Meu primeiro contato foi com um videorepórter que carregava uma câmera no ombro e nas costas uma mochila LiveU³. Joseph Frederick trabalha para a *Associated Press*, uma agência de notícias internacional, e estava esperando para tomar um café. Ele trabalha há mais de 20 anos como repórter cinematográfico e define-se como “um produtor que grava, escreve e edita”, o que eles chamam nos Estados Unidos de “one-band man”. Joseph passou por muitas mudanças tecnológicas. Ele me contou sua história profissional numa conversa, semanas depois. Joseph não é um entusiasta do uso de imagens de UGC, sigla em

³ Trata-se de uma mochila, que tem um computador com um transmissor que envia e recebe informações de antenas de telefonia celular. O aparelho tem entrada para oito chips de operadoras diferentes, por meio das quais vídeo e áudio são transmitidos, como num *smartphone* mesmo, via internet, para um servidor, usando a tecnologia 3G ou 4G, dependendo da disponibilidade. Há o que no jargão do telejornalismo chama-se *delay*, ou seja, um atraso na transmissão, que pode ultrapassar os 15 segundos, um tempo considerado grande no jornalismo, dependendo da qualidade do sinal. A imagem também depende da rede disponível. A companhia LiveU, baseada em New Jersey, nos Estados Unidos, desenvolve outros tipos de solução para transmissão de dados no negócio de televisão. Mas ficou conhecida mesmo por conta das mochilas, que já são usadas em mais de 60 países, segundo informações do site da marca, www.liveu.tv.

inglês para *User Generated Content*, conteúdo gerado por usuários, em tradução livre, mas sabe da importância deste tipo de material.

Nós enviamos uma equipe para o outro lado da baía para fazer uma imagem a partir daquele ponto. O vídeo ficou bom, mas havia muita névoa neste dia. Por isso, em alguns momentos havia visibilidade, em outros não. Mas a verdadeira emoção do acidente foi captada pelas pessoas por meio de seus *smartphones*. Anos atrás, não muitos anos atrás, nós não teríamos acesso a nada disso, nada desta atmosfera do acidente em si. (...) Isso é bom porque assim você tem conteúdo sobre lugares que você normalmente não acessaria dez anos atrás ou menos. Mas também é ruim porque agora tudo é registrado. É como se você estivesse sendo inundado por todas estas imagens, não importando se são ou não pertinentes, ruins, ou apenas imagens estúpidas⁴.

Um segundo cinegrafista passou por mim logo que terminei a conversa com o Joseph, no saguão do aeroporto: Jake Britton, *cameraman* da Sky TV, um TV britânica. Ele estava com uma repórter no local, que não quis participar da conversa. Tivemos uma conversa longa, dias depois, sobre o uso de telefone celular para entradas ao vivo⁵. Auxiliares já desmontavam os equipamentos de entrada ao vivo, mas achei que valia a pena ficar por ali para fazer alguns contatos.

A primeira observação importante é a quantidade de vezes que os seguranças do terminal abordaram cinegrafistas que tentavam impedir que eles fizessem imagens do lado de dentro. Um deles também me perguntou se eu era da imprensa, quando me viu fazendo anotações e registros com o telefone celular. Eu disse que não. Depois disso, não fui abordado novamente. Meu acesso foi livre para gravar e conversar com as pessoas: interessante perceber o telefone celular como um objeto que agencia um acesso negado de outra forma. Um cinegrafista com uma câmera não pode entrar sem autorização, mas o telefone celular pode agenciar esta entrada. E o trabalho se resolve, no final, com alguma criatividade do repórter, como me contou uma funcionária que trabalha no hall de check-in: "O dia inteiro os jornalistas estão aí. Vão e voltam, mas ficam o dia todo. Um deles até comprou uma passagem para conseguir entrara lá dentro da área de embarque e conversar com passageiros que estavam no voo". Na conversa, confirmei a informação: de acordo com ela, um repórter de televisão comprou uma passagem porque esta era a única maneira de acessar a área de embarque e conseguir falar com pessoas que estavam dentro do avião

⁴ Todas as entrevistas deste trabalho foram realizadas em inglês. O que apresento aqui é uma tradução livre que fiz a partir das transcrições. Por uma questão de espaço, a versões originais das entrevistas ficaram de fora deste artigo.

⁵ Escrevi sobre a entrevista com ele num tópico específico deste artigo.

que havia saído da pista. Ela me disse ainda que ele gravou depoimentos usando um telefone celular.

Do lado de dentro do terminal, uma repórter da FOX News tentava fazer um *povo-fala*⁶ quando o segurança se aproximou e pediu que a equipe saísse. Jennifer Lahmers pensou que eu fosse um passageiro e me chamou para seguir para o lado de fora, para uma entrevista. Expliquei que sou um pesquisador e ela acabou conversando comigo algumas horas mais tarde, logo que terminou suas reportagens e suas entradas ao vivo.

Com os *smartphones*, mais recentemente, como uma rede de notícias, nós fomos orientados a gravar chamadas ou mini resumos de nossas histórias para postar imediatamente no *Facebook* para promover tráfego. Junto a isso temos aplicativos como o *Ustream*, que basicamente permite você entre ao vivo de qualquer lugar usando o seu *smartphone*. Isto está mudando drasticamente a maneira como nós usamos as unidades móveis de transmissão ao vivo, eu não ficaria surpresa se nos próximos cinco anos tudo isto já estiver obsoleto, simplesmente porque agora você pode fazer tudo isso a partir do seu *smartphone*. (...) Você tem muitos telespectadores enviando conteúdo. Hoje, por exemplo, um dos jogadores do time *Giants* estava no voo que se acidentou na baía, e ele estava de fato “instagrandando” e tuitando fotos e vídeos que depois foram usados por redes de noticiais para dar um olhar interno sobre o que estava acontecendo. E havia também muitos outros passageiros tuitando. É assim que as coisas acontecem agora.

Stacey Sager, a repórter da *ABC Eyewitness News*, com quem conversei no aeroporto, faz parte do time dos repórteres experientes que tiveram que se adaptar. Quando a vi pela primeira vez, ela estava sentada no banco carona de uma unidade móvel, escrevendo um texto. Observando de longe, pude ver ela gravando o texto alguns minutos depois e ainda seguindo para o lado de trás do veículo, onde havia uma ilha de edição. Quase todas as unidades móveis que estavam no local tinham equipamento igual, oferecendo recursos para captação das imagens, edição dos vídeos e envio para as sedes das emissoras. Stacey estava fazendo isso naquele momento, conforme me contou depois. Este parece ser um procedimento padrão nas redes de televisão de Nova Iorque, levando-se em conta o trânsito e as longas distâncias a serem percorrida. Stacey saiu para se preparar para uma entrada ao vivo e eu a abordei. Não conversamos naquele dia, mas depois ele me concedeu uma entrevista, pelo telefone. A fala dela é clara e bem ilustrativa do processo de mudança pelo qual o telejornalismo está passando, nos Estados Unidos, mas também me todo o mundo. Os próprios repórteres se apropriaram da estratégia do telefone celular para ter acesso a lugares nos quais, de outra maneira, seria impossível fazer registros, confirmando o que já havia me falado a funcionária do aeroporto.

⁶ “Povo fala: gravação com várias pessoas sobre um tem específico de uma reportagem.” (PATERNOSTRO, 1999, p.147).

Quando você me viu, no dia em que o avião saiu da pista, minha angulação naquele dia era os passageiros, por isso, sim, nós usamos um vídeo que eu fiz com meu telefone celular, sobre o passageiro que é o que estava mais ferido. Em alguns dias eu preciso fazer fotos, por exemplo, de vítimas de crimes, usando o meu telefone celular, ou tenho que fazer vídeo sobre alguma outra coisa. Não são todos os vídeos que viram histórias, obviamente as pessoas da nossa engenharia são importantes, mas definitivamente este é um elemento. (...) Não havia um único trecho de vídeo para contar a história do avião. A polícia postou vídeos, a própria polícia. Os bombeiros postaram uma foto do avião na água. Isso foi publicado em vários sites porque o local é de difícil acesso para gravação de vídeos. Então aquela história é realmente um bom exemplo de um dia que nós trabalhamos a partir das mídias sociais, nós entrevistamos passageiros naquele dia, nós fomos até a área de retirada de bagagens com as nossas câmeras, mas também fizemos registros de pessoas usando meu *smartphone*.

Conversei com muitos outros repórteres e produtores, mas uma dupla me chamou a atenção pela situação de trabalho: eles estavam do lado de fora, com uma câmera e uma mochila LiveU, preparando uma entrada ao vivo, num momento eu nevava muito. Um deles, o produtor Isashi Yamada, me disse que eles precisavam mostrar a pista do aeroporto, a pedido do editor do telejornal, da TV Asahi, no Japão.



Figura 1: Isashi Yamada prepara o equipamento LiveU para transmissão

Na semana seguinte nos encontramos para uma entrevista. Isashi está há 17 anos em Nova Iorque, ou seja, desde que ainda não era possível transmitir nada que era feito no dia, por causa da distância. Ele é produtor, não é repórter, mas vai para rua, faz entrevistas e até fecha matérias quando é necessário. Hisashi chamou a atenção para o fato de que a tecnologia móvel facilitou o acesso, mas também tornou as transmissões ao vivo mais viáveis, financeiramente.

Às vezes nós usamos o *smartphone* para fazer entradas ao vivo. A qualidade ainda é muito baixa, mas é muito fácil e nós usávamos caminhões com links via satélite para enviar o sinal de vídeo, tanto para Tóquio, quanto para lugares mais próximos. Mas agora nós raramente usamos o caminhão porque é muito caro. Por exemplo, uma hora custa mil dólares. Mas agora, nós usamos *smartphones* ou mesmo outro equipamento para transmissão a partir do sinal de celular.

No mesmo dia desta entrevista, mais tarde, recebi a resposta de uma mensagem que havia enviado para o *cameraman* Jake Britton, que também conheci no Aeroporto La Guardia, como já expliquei. Ele me convidou para que eu acompanhasse a entrada ao vivo que faria, de uma esquina de Manhattan, para um jornal da TV Sky News, da Inglaterra, para a qual trabalha.

Tecnologia móvel e jornalismo cidadão

Jake Britton começou a trabalhar em TV em 1998, como operador de áudio. Há cinco anos é *cameraman* e editor pelos últimos dois anos. Conversamos nos intervalos das entradas ao vivo. Foi assim que ele me mostrou os equipamentos que usa no dia-a-dia para fazer a transmissão para o Reino Unido. O primeiro deles é o transmissor de tecnologia LiveU.

A primeira mochila que nós usamos foi oito anos atrás, e ela funcionava com cartões SIM para telefone celular. A primeira tinha quatro cartões e era 2G, por isso não era muito boa. Depois, quando passou para 3G e depois para 4G, começou a ficar bom, agora nós temos oito cartões SIM e todos são 4G e LTE. Então, com esta mochila, eu posso mostrar para você, estou ao vivo agora, transmitindo em 10 megabytes. Isto quer dizer que eu posso transmitir em Full HD, ao vivo, com 1.2 segundos de *delay*, o que não é nada mal. Particularmente em Nova Iorque, isto funciona muito bem.

Ele também me explicou que antes disso eles usavam a transmissão via satélite, que custava para emissora entre três quatro mil dólares por dia. Foi construída uma caixa com os acoplamentos necessários para a transmissão, na esquina da Sétima Avenida com a Rua 49, mas o dispositivo quase não é usado mais. Pela mochila, a empresa agora paga entre mil e 1.500 dólares de aluguel, por mês. O que significa, mensalmente, menos metade do que a empresa pagava por um único dia de transmissão via satélite e ainda tem a possibilidade de fazer os vivos de onde for necessário, sem grandes restrições técnicas. Mas há ainda outros usos de tecnologias móveis nas entradas ao vivo, de acordo com ele.

Eu tenho este celular que uso para falar com o escritório, e eu tenho este outro aqui que, no momento, está ligado ao nosso departamento de áudio. Cada pessoa tem um jeito de trabalhar. Eu gosto de usar este aqui porque fica separado do outro, então, se houver algum problema com este, eu ainda posso ouvir a nossa programação

pelo outro. Entende? (...) Eu tenho um Ipad também porque você pode fazer a mesma coisa usando um Ipad. Nós também estamos preparados para plugar o equipamento numa caixa como aquela ali, de retorno, e ouvir o áudio que vem de Londres, com um fone de ouvido.

Jake me disse que as emissoras de Nova Iorque não costumam usar a tecnologia LiveU “porque são ricas, têm muito dinheiro e podem ter varias unidades móveis”. Isso explicaria porque, na maioria das vezes, são os correspondentes de outros países que usam o LiveU. Mehmet Summer, um correspondente turco com que eu já havia conversado dias antes, usava uma mochila destas quando o encontrei pela primeira vez, gravando uma passagem na sede das Nações Unidas. Também registrei a imagem de uma destas mochilas, dias antes, entre os equipamentos do repórter cinematográfico Quique Ramos, da Univisión, uma emissora que tem sede em Miami, por isso funciona com um escritório pequeno em Nova Iorque. Além do Joseph Frederick, da Associated Press, que também levava uma nas costas, no episódio do Aeroporto La Guardia. Também encontrei mochilas LiveU com uma equipes da New York One, um canal do serviço de TV a cabo da Time-Warner, e ainda um cinegrafista da FOX News, que registrei fazendo a transmissão da *St. Patrick's Day Parade*, na Quinta Avenida, no dia 17 de março de 2015, com uma LiveU (é preciso levar em conta que, para eventos em que há deslocamento, a mochila oferece uma mobilidade que uma unidade móvel não tem) . No mais, só registrei TVs que faziam entrada ao vivo usando unidades móveis. Foi por isso que, na saída da conversa com o Jake, a fala dele fez mais sentido. Havia dezenas de carros de vivo e unidades móveis perto do Rockefeller Center, ao lado do local onde Jake fez uma entrada ao vivo. Como eram muitos, resolvi seguir os cabos que iam direto para um púlpito. Cercado por policiais, na Quinta Avenida, do lado contrário da Catedral de Saint Patrick. Entrei na igreja, onde acontecia uma cerimônia com muitos padres, e descobri que o arcebispo de Nova Iorque havia morrido. As emissoras de tevê estavam cobrindo a missa de corpo presente da autoridade religiosa. Jake parecia ter razão: as unidades móveis são a opção preferencial para transmissões ao vivo pelas tevês de Nova Iorque.



Figura 2: Iphone usado como retorno de áudio

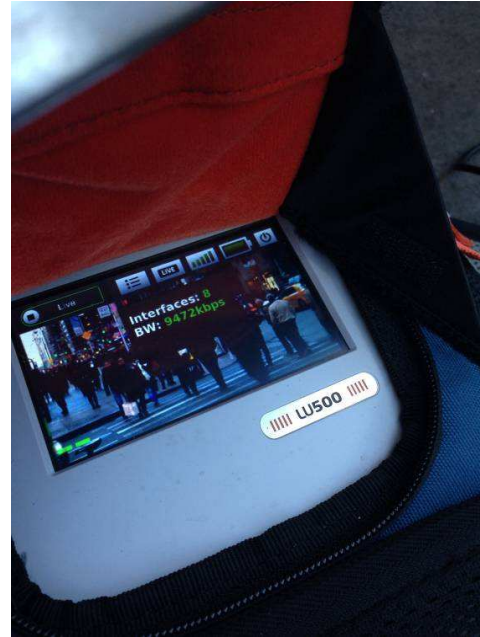


Figura 3: Preparação do aparelho LiveU



Figura 4: Jake Britton trabalhando na transmissão ao vivo

O mundo dos aplicativos para transmissão ao vivo ainda era pequeno para mim, que só conhecia o *TwitCasting Live*, usado por midiativistas no Brasil. Foi Jake quem me falou sobre um outro aplicativo, que Hannah, a repórter com quem ele trabalha, usou durante a cobertura de um incêndio na região do Harlem, em Manhattan, em 2013: o Dejero⁷, que, de acordo com ele, transforma um *smartphone* comum em um transmissor parecido com a tecnologia LiveU. Interessante perceber que, durante a nossa conversa, fomos interrompidos por um homem que passava pela calçada, se interessou pelo assunto e parou para perguntar.

⁷ <http://www.dejero.com>

Jake: O Dejero é uma outra versão do LiveU. (...) Muitas pessoas usam. E a qualidade de imagem está ficando cada vez melhor.

Evandro: No Brasil, o pessoal usa um aplicativo chamado *Tweetcasting Live*, no Twitter, mas a qualidade é bem mais baixa.

Desconhecido: É este aqui? O Dejero? Como se soletra?

Jake: D-E-J-E-R-O.

Desconhecido: Muito obrigado. É este aqui?

Jake: Isso, você tem que ajustar ele com um servidor. Nós usamos isso muitas vezes. Às vezes nós transmitimos somente “phonos”. Um “phono” é apenas o repórter ao telefone. Esta é a natureza das notícias: às vezes é só ter alguém no local, apurara as informações e entrar ao vivo.

O episódio ilustra o interesse de cidadãos comuns pelo assunto: o ofício de comunicar, transmitir imagem e sons, deixou de ser marcado por uma excepcionalidade que fundamentou a função do jornalista, nas últimas décadas. O jornalista japonês Isashi Yamada, em sua entrevista, chamou a atenção para o fato de que não é mais necessário ser um profissional para garantir bons flagrantes.

Isso foi registrado por uma pessoa comum, não um cinegrafista profissional. Provavelmente alguém da tripulação, alguém que estava a bordo no avião, eu não sei quem era, mas uma pessoa comum registrou, certo? Isto é um grande progresso, eu acho. Porque todo mundo tem um *smartphone* para gravar um vídeo. E todo mundo usa. (...) Nós temos vídeos em todos os lugares. Mesmo que o cinegrafista profissional não possa estar no local, alguém está. E depois esta pessoa posta o vídeo e depois, você sabe, todo mundo tem a chance de usar na sua própria rede. Isso é muito diferente.

Stacey Sager, da ABC, foi mais categórica: ela disse que “agora todo mundo é jornalista”.

Eu acho que todo mundo se considera jornalista, hoje todo mundo pensa que tem uma mensagem para publicar. Você vai ao Twitter, ao Youtube, e todo mundo posta coisas e pensa que outros vão ver, e muitas vezes vão mesmo, algumas vezes é válido, e em outra, quem se importa? Então, é o caso de passar tudo isso por uma peneira, como na história do avião, é um bom exemplo de uma história em que o Canal 7 usou imagens de mídias sociais durante todo o dia, todas as nossas imagens do avião vieram de mídias sociais.

A repórter Jennifer Lahmers, da ABC, seguindo o mesmo raciocínio, afirmou que “não é mais preciso ser um repórter para registrar fatos”. Ela explicou que, no dia da reportagem no aeroporto La Guardia, usou em sua reportagem vídeos que foram postados por passageiros no Twitter, no Facebook e no Youtube. Mas chamou a atenção para o fato de que esta não foi uma exceção: usar vídeos de cidadãos é parte do trabalho diário dele hoje.

Você tem organizações, eu acho que são como a CNN, que têm o “Você repórter”, o “Eu Repórteres”. “Eu repórter”? É isso aí. Basicamente, eles convocaram pessoas que fazem este trânsito para oferecer este tipo de reportagem, seja de gente que presenciou o caso, de pessoas ao telefone ou entrevistas feitas pelo Skype. E ao invés de tratar estas pessoas como testemunhas, como fazemos no jornalismo, agora você está usando a expressão “Eu repórter”, o que eu acho um conceito interessante.

Os experimentos com o que vem sendo chamado de *jornalismo cidadão* têm sido comuns em todo o mundo. Dan Gilmor (2005), jornalista e professora na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e uma das pioneiras nesta reflexão acadêmica, lembra que o embate entre jornalismo e tecnologia (se é que este embate faça sentido...) não deve ser pensado em si mesmo, já que aponta para muita coisa mais importante, que deve ser pensada com urgência, já que estamos entrando numa era em que as mensagens midiáticas deixam de ser transmitidas de um para muitos, e agora vão de muitos para muitos. Gilmor nos alerta ainda para o fato de que as transformações que presenciamos aparecem desta forma no jornalismo, mas são muito maiores, e perpassam todas as relações do coletivo em que vivemos.

As atividades inspiradoras estão acontecendo não só no jornalismo, mas em toda a sociedade. Nos negócios da Web, por exemplo, o conceito de código aberto está transformando não só o desenvolvimento de softwares, mas também os relacionamentos das empresas com os consumidores e outros públicos. Walter Lippmann, no livro “Drift and Mastery”, de 1914, chamou a atenção para o fato de que a civilização estava tornando-se tão complexa que “o comprador não pode se colocar contra o produtor, porque não tem como negociar de uma maneira justa com ele”. O conhecimento está voltando para o comprador, o poder está seguindo o mesmo caminho. (GILMOR, 2005)

É como se o jornalista estivesse *perdendo o controle* sobre as coisas, de maneira que uma fotografia, um depoimento, um pequeno vídeo possa trazer novas informações, um ângulo inédito, uma abordagem que transforme o entendimento do fato. Ninguém sabe ainda como e se isso vai tomar uma forma comercial, garantindo a continuidade da informação como negócio. Por isso mesmo, tudo parece ter ficado mais arriscado, neste sentido. Os episódios relatados até aqui chamam atenção para dois fenômenos: o primeiro é o da possibilidade de um jornalismo menos horizontal, no qual não só jornalistas fazem parte da produção das notícias, mas as pessoas, que por falta de outra classificação, denominamos “comuns”. O próprio fato de chamá-las assim, como fazem nossos entrevistados, já mostra o caráter de excepcionalidade da função do jornalista, reforçando um traço fundamental da cultura profissional da categoria, como já nos mostraram anteriormente as Teorias do Jornalismo, de acordo com Nelson Traquina (2005). O segundo

fenômeno observado é a apropriação que as empresas de jornalismo estão fazendo destes recursos tecnológicos que permitem esta interação, seja para baratear os custos de transmissão, como nos explicara Jake Britton e Hisashi Yamada, seja para acompanhar um fluxo de interação social que parece não ter mais volta, o que aponta para o que Manuel Castells (2013) chamou de “Sociedade em rede”, um coletivo humano no qual as interações comunicacionais não acontecem mais de maneira massiva, de um emissor para muitos receptores, com poucas possibilidades de interação, mas agora de muitos emissores, para muitos receptores, das mais diversas escalas, transformando radicalmente a maneira como construímos o mundo em que vivemos.

A maior questão esta neste ponto, de acordo com a repórter Jennifer Lahmers. Para ela, a responsabilidade do jornalista, hoje, é bem maior do que já foi, porque há mais fontes para serem checadas e uma possibilidade maior de que um erro seja cometido por quem não conhece o procedimento jornalístico. A responsabilidade final é do jornalista, e não de quem o ajudou a produzir a notícia, mesmo quando o jornalista usa, em sua reportagem conteúdo produzido por usuários.

Nós temos mais olhos e ouvidos nos assistindo e nos ouvindo, então há uma orientação que temos que seguir para ter certeza que a informação que estamos publicando é rigorosa e responsável. Nós somos mais responsáveis que as pessoas que estão simplesmente nos ajudando ou tuitando imagens e informações. Há uma coisa que precisa ser levada em conta sobre os tuiteiros, você sabe, a credibilidade é zero. As pessoas podem dizer o que elas quiserem. Se é sem fundamento, depois não há problema. Como jornalistas nós temos que ser responsáveis o suficiente para saber com quais informações de fato são confiáveis e não se são o que gostaríamos que fossem.

O mais importante, para Joseph Frederick, é ter certeza de que o material é verdadeiro, não há montagens, nem manipulação.

Eu não tenho muita experiência em produzir materiais com conteúdo de usuários, mas eu sei que nossa empresa evitar que estes materiais sejam usados, para ter certeza que as pessoas que captaram as imagens estão na situação, de fato, que estão capturando e mostrando uma imagem que pertence à história que estamos cobrindo. Quem está no local precisa do máximo de certeza, reunindo diferentes tipos de conteúdos de consumidores, de diferentes ângulos, e juntando eles para ter certeza. E também verificar se temos uma equipe de vídeo no local, se isto se encaixa com o que a equipe está enviando pra gente.

Stacey Sager lembrou-se que há ressalvas jurídicas e que os advogados da emissora, algumas vezes, precisam ser consultados, antes que o material seja exibido no canal ou postado em alguma rede social.

Nós não pegamos vídeos do Youtube porque nossos advogados disseram que nós temos que encontrar quem fez o material para pedir a autorização. (...) Sendo assim, nós não usamos imagem nenhuma sem confirmar a autoria. Eu simplesmente não as uso. Eu uso minhas próprias imagens, mas eu não uso imagens de ninguém sem antes consultar outras pessoas sobre aquele conteúdo.

Mas o fato é que, pela conversa com os repórteres, as emissoras ainda não dominam muito bem este processo, tudo é novidade e ainda não houve tempo de criar um posicionamento padrão, uma maneira seguramente eficaz de lidar com estas apropriações. Na maioria dos casos, ainda não há um direcionamento, nem editorial, nem empresarial, sobre como usar este conteúdo gerado por usuários, como Stacey deixou claro.

Eu acho que você sabe que o que aconteceu nos últimos anos foi tão rápido que foi realmente difícil para as empresas de comunicação manter os parâmetros legais, e eu acho que nós estávamos todos balançando as nossas cabeças e pensando “qual é a nossa orientação aqui?” E eu acho que agora está começando a entrar nos trilhos e eu sinto que nós temos mais norte agora. Minha esperança como repórter é seguir esta direção. Eu acho que assim que tivermos aquela direção que é o futuro, goste você ou não, nós temos que seguir aquela direção para continuar num caminho ético e legal. Porque está é minha preocupação como repórter, porque você tem a sua própria lei e você tem o código de conduta da empresa. E você não quer fazer nada que crie uma discrepância entre os dois. É assim que me sinto.

É como se o repórter estivesse se reinventando, vivendo uma transformação, na qual, preceitos básicos de conduta continuam valendo, mas técnicas, procedimentos e conhecimentos tenham que ser reaprendidos, adaptados, traduzidos, como bem lembrou Jake Britton.

Não, quer dizer, estamos num inédito mundo em transformação, social e antropológicamente, e as notícias estão ligadas a tudo isso. Eu tenho 35 anos, é parte do trabalho ser adaptável, ser capaz de aceitar novidades e ter que usar equipamentos completamente diferentes em 10 anos, comparando com o que faço agora, mas meu trabalho vai continuar sendo o mesmo. Eu ainda serei um coletor de notícias. Eu ainda serei um cinegrafista, de algum modo. Eu posso ter uma câmera acoplada na minha testa, mas meu trabalho vai ser o mesmo, eu ainda serei um coletor de notícias.

A observação da cobertura de um único evento trouxe uma quantidade grande de informações, a partir das conversas e depoimentos, mostrando que as mudanças estão só começando. A digitalização dos processos de produção da notícia trouxe mudanças profundas nas redações. A adaptação do repórter é somente uma delas. É hora de se debruçar sobre a questão para produzir teoria sobre isso, encontrando novas abordagens teóricas que possam ajudar pesquisadores a compreender estas transformações. Este é só o início de um trabalho.

Conclusões preliminares

Como já foi mostrado anteriormente, não pretendo criar uma classificação definitiva para um fenômeno tão amplo. O que apresento aqui, como conclusão, são categorias criadas a partir da experiência deste dia, e que vão integrar o *corpus* da minha tese de Doutorado, juntamente com outras categorias, criadas a partir da observação de outras experiências, para criar um panorama mais amplo da situação. No caso específico deste artigo, três situações-categorias funcionam como norte para uma reflexão posterior:

1) As opiniões e reações sobre o utilização de conteúdo gerado por usuários nas reportagens: há 1.1) aqueles jornalistas que usam material com frequência, como nos contaram as repórteres Stacey Sager e Jennifer Lahmers; 1.2) aqueles que não usam quase nunca, como Joseph Frederick, que disse ter lançado mão deste tipo de conteúdo na situação específica da reportagem sobre o avião que derrapou na pista, mas que no geral prefere não usar conteúdo gerado por usuários. Nenhum dos informantes disse nunca ter lançado mão de imagens de “pessoas comuns” e todos disseram que é preciso ter mais atenção com a apuração nestes casos, o que nos leva para uma segunda situação:

2) Sobre as orientações para o uso deste tipo de imagens: 2.1) todos disseram que há critérios pessoais para o uso, e antes de tudo o jornalista precisa ter seu próprio limite ético, aprendido na escola de jornalismo; 2.2) O setor jurídico das emissoras aparecem como limite ético e ditam os critérios para o uso, antes mesmo de levarem-se em conta os valores-notícia clássicos, como é o caso de Stacey Sager; e 2.3) no geral, os critérios clássicos que orientam a atividade jornalística funcionam como parâmetro para as chefias, o que acabou se confirmando em outras experiências de campo, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil, não há procedimento padrão específico com regras claras, como nos manuais.

3) As imagens chegam até a redação: 3.1) Pela redes sociais, as mais comumente citadas foram o Twitter, o Instagram, o Facebook, além do Youtube (o WhatsApp aparece em menor proporção na experiência de campo dos Estados Unidos), seja porque algum jornalista viu, seja porque alguém da redação, na ronda diária, descobriu o fato; 3.2) Por aplicativos e outras técnicas disponibilizadas pela própria emissora, o email é um exemplo; e 3.3) pelos repórteres, em duas situações: quando eles próprios fazem as gravações, como me explicou Stacey Sager, que fez registros usando o próprio telefone celular, na chegada ao Aeroporto La Guardia; ou quando eles conseguem este material com pessoas que estavam no local.

Outros detalhes chamam a atenção: o primeiro deles é e que os repórteres mais jovens são os que apresentam menos resistência à utilização destes conteúdos, o que pode, hipoteticamente, ser explicado por uma segunda percepção importante: a de que , como já mostrei, os entrevistados tratam os usuários que ajudam na construção das reportagens de “pessoas comuns”, o que, a nosso ver, evidencia a excepcionalidade do jornalismo como uma função especial na sociedade, reforçando uma auto-imagem da categoria forjada a partir de mais de um século de atividade profissional pautada por uma lógica de comunicação massiva. Minha conversa com Jake Britton, por exemplo, foi interrompida por uma “pessoa comum” que passava e queria saber como fazer transmissões ao vivo usando um telefone celular. Por fim, não menos importante é o fato de que a gravação de vídeos, pelos próprios repórteres, com resumos, *teasers* sobre as reportagens que serão apresentadas, tem sido usada como estratégia para promoção dos programas jornalísticos nas redes sociais, numa ação de marketing se não pensada, ao menos executada por jornalistas. As categorias e reflexões aqui apresentadas serão usadas do desenvolvimento posterior da minha tese, junto com o restante do material.

REFERÊNCIAS

BERNARD, H. Russel (ed.). **Handbook of methods in cultural anthropology**. Altamira Press: Walnut Creek, California, 1998.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

GILMOR, Dan. Where Citizens and Journalists Intersect. **Nieman Reports**, Cambridge: Nieman Foundation for Journalism at Harvard, 2005. Disponível em: <<http://www.nieman.harvard.edu/reportsitem.aspx?id=100559>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: Manual do Telejornalismo**. São Paulo: Campus, 1999.

SANTORA, Marc; MCGEEHAN, Patrick. **Plane avoids disaster as it skids off a runway at La Guardia Airport**. In: <http://www.nytimes.com/2015/03/06/nyregion/delta-plane-skids-off-the-runway-at-la-guardia-airport.html?_r=0>. Acesso em: 5 Mar. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Cosac Naify: São Paulo, 2010.